

A DONA DOS OVOS

PENÉLOPE MARTINS

ilustrações de MARCIA TIBURI

A DONA DOS OVOS



Texto © Penélope Martins

Ilustração © Marcia Tiburi

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patth Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Camila Martins
Henrique Torres

Projeto gráfico, capa e diagramação
Camila Teresa
Letícia Yoshitake

Revisão
Ana Maria Barbosa
Tássia Carvalho

Impressão
Loyola

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M345d
Martins, Penélope
A dona dos ovos/ Penélope Martins; ilustração Marcia Tiburi. –
1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2022. 48 pp. il.

ISBN: 978-65-5697-113-1

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Tiburi, Marcia.
II. Título.

21-71515

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(81)

Bibliotecária: Meri Gleice Rodrigues de Souza – CRB-7/6439

2022

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta história é dedicada às trabalhadoras
e aos trabalhadores do campo, gente que
se faz presente na farinha do pão
que comemos todos os dias.

Sumário

Quem tem pena da galinha?	10
Sol de gema, lua clara	14
Omeletes me mordam	18
Em terra de cego, quem tem um olho é rei	22
Quem não tem cão caça com gato	28
Quem roubou o queijo que estava aqui?	32
Focinho de porco não é tomada	42

Quem tem pena da galinha?

A galinha Adélia tem tanto tempo de fazenda que até perdeu a conta dos anos... Foi por ali mesmo que ela nasceu, cresceu, aprendeu a comer minhocas.

Adélia já viveu dias gloriosos no lugar, correu atrás de raposa, bicou dedo de curioso, arriscou voos mais altos e se empoleirou nos galhos da goiabeira. Mas foi botando ovos graúdos que ela fez sua maior fama.

Todo santo dia, cinco ovos por excelência, um mais graúdo que o outro, cascas lisas e gemas vermelhas para ninguém botar defeito. Cinco ovos por dia, matemática para matar de inveja: trinta e cinco por semana, cento e cinquenta por mês e, de lambuja, com produção estendida, cento e cinquenta e cinco ovos quando o calendário dá o trigésimo primeiro dia. Uma conta dessas elevava no peito o orgulho cacarejante de Adélia, todo ano campeã dos recordes numéricos, honrando a placa dependurada na porta do galinheiro na qual se lia “quanto mais, melhor”.









Até que, um dia, o mistério.

Parece até conta de mentiroso. Adélia botou cinco, mas só se viram quatro ovos sobre a palha. Quatro? Um a menos por dia? Sete a menos por semana? Trinta a menos por mês e sem lambuja!

A fama de galinha botadeira corria risco.

Segredo nessas horas é impossível. Sempre tem alguém para cantar de galo mesmo que seja metido a galã. Pois foi o que fez o tal garnizé, magrelo e depenado, os olhos no esbugalho da inveja a dizer pelos quatro cantos:

— Adélia já não é mais aquela; vai ter canja na tigela.

A galinha esfregou as asas ruivas, ciscou de um lado pro outro até cavar uma vala no terreiro. “Alguém escondeu o meu quinto ovo”, pensava preocupada e cabisbaixa, sem dizer um pio.

As outras galinhas pareciam solidárias, embora uma delas já tivesse cantado a bola:

— Um dia a gente não aguenta, minhas amigas, galinha não é de ferro. E pobre dos ovos chocados que viram assado.

Mesmo assim, Adélia permaneceu cismada, sabia que eram cinco, não quatro, e que o sumiço tinha que ser desvendado.